BEST-SELLER INTERNACIONAL

O COMPLÔ PARA DESTRUIR A DEMOCRACIA

COMO PUTIN E SEUS ESPIÕES ESTÃO MINANDO A AMÉRICA E DESMANTELANDO O OCIDENTE

MALCOLM NANCE

PREFÁCIO DE ROB REINER

Alta Cult
Editora
Rio de Janeiro, 2019

Sumário

PARTE I

Ursos Cibernéticos

CAPÍTULO 1

Na Linha de Fogo

Em 8 de novembro de 2016, Vladimir Putin se tornou o primeiro presidente russo dos Estados Unidos. Aquela que poderia ser chamada de a maior operação de inteligência da história mundial foi executada e o resultado foi a vitória do candidato apoiado por Moscou. Putin não se importava com o que aconteceria a seguir. Ele tinha certeza de que, com Trump no poder, o povo norte-americano estaria tão mergulhado no caos que não se preocuparia em como reagir, se é que reagiria. Esse é o calcanhar de Aquiles da democracia: ela requer consenso, processo e tempo. Putin não se prende a nada disso. Ele havia ordenado e executado uma audaciosa missão política. Seus espiões cibernéticos, a mídia controlada pelo Estado e sua rica elite global — os oligarcas — obtiveram êxito em influenciar a opinião pública norte-americana de forma tão profunda que a sociedade passou a negar veementemente qualquer evidência de que a operação tivesse ocorrido. Como disseram Baudelaire e Keyser Söze: *"Que la plus belle des ruses du diable est de vous persuader qu'il n'existe pas! ... O melhor truque do diabo foi convencer o mundo de que ele não existe.*"

O Partido Republicano, majoritário no Congresso dos Estados Unidos, vinha se dedicando nos últimos oito anos a destruir qualquer ação positiva do presidente Barack Obama. Hillary Clinton, sua secretária de Estado, era apontada como a candidata do Partido Democrata e tudo indicava que seria a próxima presidente dos Estados Unidos. O ódio pessoal de Putin a ambos parecia ser o principal

fator de motivação para sua intervenção. Mas a sorte estava ao seu lado em 2016, quando os personagens e os cenários que a Rússia tanto cultivava havia mais de uma década entraram em cena para pôr em prática uma mudança muito maior do que o presidente dos Estados Unidos. A Rússia se aproveitou de uma leve suspeita em relação à Hillary Clinton e usou como arma o argumento já ventilado pelo Partido Republicano: "Mas... e os e-mails de Hillary." A Rússia explorou as reiteradas investigações sobre os e-mails de Hillary que foram descobertos em um servidor privado em sua casa protegida pelo Serviço Secreto. Foi um alvo fácil. Quando a eleição terminou, os Estados Unidos estavam divididos.

A Rússia conseguiu impor seu poder assimétrico para eleger Donald J. Trump ao cargo mais importante do Ocidente, e a realidade era melhor do que jamais sonhara. A Lei de Magnitsky e as sanções da Crimeia foram revogadas. Os investimentos russos voltaram a ser altamente desejados, mas para concretizar o sonho de Putin o real objetivo precisava ser atingido: era necessário pôr um fim à democracia liberal nos Estados Unidos e na Europa e provocar o renascimento do conservadorismo em todo o mundo.

Não foi uma tarefa tão difícil, apesar dos riscos de se realizar uma missão integrada de inteligência contra a principal superpotência do mundo. Assim como nos ataques do 11 de Setembro, os políticos e o povo norte-americano simplesmente não tinham imaginação para acreditar que Putin ousaria algo tão intrusivo. A Inteligência dos Estados Unidos tinha a imaginação e sabia que tanto Moscou quanto Pequim eram capazes de tal façanha, no entanto, os líderes militares e da inteligência dependem dos políticos para reagir. Tudo que podiam fazer era emitir alertas até perderem o fôlego, mas à inteligência cabe alertar; os políticos devem agir.

No fim das contas, Putin venceu com a ajuda dos norte-americanos, que se agarraram aos próprios valores. A mídia auxiliou imensamente ao transformar e-mails inócuos roubados de um servidor inseguro de um partido em uma crise nacional na qual as vítimas foram tratadas como suspeitas. Para os apoiadores de Trump, isso comprovava tudo que eles sempre suspeitaram a respeito de Hillary Clinton — ela escondeu e-mails, logo, era uma mentirosa. Não importava que os eleitores de Trump tivessem escolhido um homem que apoiava abertamente a supremacia branca, rejeitava a diversidade, abominava a integração global, ignorava sua própria corrupção e arregimentou sua própria família e equipe como

nobreza a ser adorada. Os eleitores de Trump encaravam essas características como pontos fortes. Eles viam o nepotismo, os favorecimentos e todo o excesso como virtudes de um típico tubarão da política e dos negócios. Se ele se opunha verbalmente a todos os avanços dos Estados Unidos na direção da igualdade e da expansão econômica mundial desde 1964 e havia sido eleito com esse discurso, tanto melhor que ele mantivesse essas posições. *Por todos os meios necessários* era o inconfundível lema de Trump para a eleição de 2016. A inteligência russa também vivia de acordo com esse lema. Os espiões da Praça Vermelha eram audaciosos o bastante, mas o verdadeiro escândalo era que os apoiadores de Trump não viam nada de errado nisso.

Os eleitores de Trump o elegeram fielmente apesar de saberem que a Rússia havia interferido no processo eleitoral. Eles não se importavam que o surpreendente nível de devoção incondicional de Trump a Putin fosse suspeito. Isso. Não. Fez. Diferença. Trump havia criado um culto à personalidade entre a classe de brancos pobres de forma que ela idolatrava cada palavra sua e se recusava a acreditar em qualquer declaração negativa contra ele. Isso funcionou muito bem para Putin. O objetivo original do novo presidente russo dos Estados Unidos era apenas fazer com que os EUA se consumissem em sectarismo para desbancar o país no mercado global e recuperar a supremacia econômica russa. Agora, com a eleição de Trump, os Estados Unidos se tornariam um país fundamentalmente disfuncional. Mais importante, a Rússia conquistaria um aliado que liberaria os ilícitos bilhões roubados pela administração Obama através de sanções. Levara décadas para a Rússia arrecadar aquelas centenas de bilhões de dólares com a pilhagem dos bens da antiga União Soviética. Liquidar estaleiros e aeroportos russos e vender tudo, de tanques a fábricas de produtos químicos, era um negócio difícil, em que apenas os mais durões conseguiam sobreviver. Liderada por um ex-oficial da KGB, a Rússia estava prestes a embarcar rumo a uma nova era de liderança global. No entanto, os norte-americanos estavam muito hesitantes e o "Yes, we can!" ["Sim, nós podemos!"] de Barack Obama dividiu a nação de tal forma que bastou um empurrãozinho — financeiro e ideológico — para deslocar os EUA para a órbita de Moscou. Era um alvo difícil; se ele errasse, a oportunidade poderia se perder para sempre; mas Vladimir Putin ousou disparar — e acertou em cheio na eleição presidencial norte-americana de 2016.

Pegadas de Ursos

O complô para hackear os EUA, que recebeu do FBI o codinome de Operação GRIZZLY STEPPE, foi executado no início do verão de 2015. Os hackers da inteligência militar russa colocaram em prática um plano de longo prazo para invadir os servidores do Comitê Nacional Democrata (DNC). Era tecnicamente simples. O GRU (*Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye,* ou Departamento Central de Inteligência) aproveitou a precária segurança dos computadores dos norte-americanos para permitir que seus espiões acessassem os servidores. Os espiões do exército russo "circularam" à vontade durante 7 a 10 meses até que a ameaça fosse detectada. Copiaram o que quiseram e não deixaram nenhum recanto do DNC intocado. Algum membro da comunidade de inteligência dos EUA deve ter notado as tentativas. Em setembro de 2015, o FBI enviou ao DNC um aviso indicando que seus sistemas de computadores estavam sendo sondados por um agente estrangeiro não identificado. O DNC fez verificações superficiais e não detectou nada de anormal. Já era tarde demais. Os espiões militares russos se camuflaram no sistema e operavam de modo quase invisível. Eles utilizaram um método de ciberataque conhecido como Advanced Persistent Threat-29 (ATP-29 ou Ameaça Persistente Avançada). O pacote de hacking é tão conhecido que recebeu diversos nomes de diferentes empresas, mas o apelido que pegou foi o cunhado pela empresa de segurança cibernética CrowdStrike: COZY BEAR. Os responsáveis pelo *software* eram uma célula de soldados de inteligência do exército russo que usava um pacote altamente sofisticado de *malwares* em seus ataques. Essa não foi a primeira vez que o GRU empregou o COZY BEAR. Ele foi usado muitas vezes ao redor do mundo e para invadir os servidores da Casa Branca e do Pentágono em 2014 e 2015. Esse era o sistema de invasão preferido do GRU. E invadir uma agência civil como o DNC foi brincadeira de criança. No passado, ele já havia conseguido acessar os *logins* dos funcionários da Casa Branca; portanto, um partido político norte-americano era moleza.

No entanto, enquanto o GRU obtinha livre acesso ao DNC, um ataque muito específico era realizado por outro recurso de espionagem conhecido como APT-28 ou FANCY BEAR. Esse *malware* pertencia aos espiões da agência de inteligência russa, o FSB. O Serviço Federal de Segurança — FSB — era o herdeiro de todo o legado e do conhecimento corporativo da abominável agência de espionagem soviética, a KGB. A mudança da sigla ocorreu com a queda da

URSS. Na verdade, depois que a Rússia se desfez da sua ideologia comunista, a antiga KGB se tornou muito mais poderosa em capacidade computacional. No mundo da cibersegurança, todos sabiam que o FANCY BEAR era controlado pela agência de segurança da Rússia, o FSB. A única diferença entre o atual FSB (e sua agência de serviços clandestinos no exterior, o SVR — Serviço de Inteligência Estrangeiro) e a impiedosa KGB é que o FSB tem um orçamento muito maior e mais margem de manobra para operações no exterior.

O FSB IGNOROU a equipe do GRU na invasão ao DNC e roubou uma única pasta, bem específica, sobre pesquisa de oposição usando o *software* FANCY BEAR. Uma pasta de pesquisa de oposição contém toda a sujeira que um partido político coleta sobre seus oponentes. Os republicanos tinham 17 candidatos, e os democratas mantinham pastas sobre cada um deles, mas o FSB roubou apenas a pasta de uma pessoa: Donald J. Trump.

Em junho de 2016, o CEO da CrowdStrike, Dmitri Alperovitch, publicou um estudo sobre a invasão ao DNC. O artigo intitulado *Bears in the Midst: Intrusion into Democratic National Committee* [Ursos Infiltrados: Invasão ao Comitê Nacional Democrata, em tradução livre] acusava publicamente espiões russos de comandarem o ataque cibernético ao DNC. O artigo foi bem recebido na comunidade de segurança cibernética, mas detratores no Partido Republicano, particularmente os ligados ao então líder Donald Trump, não concordaram com as descobertas de Dmitri.

Alguns dias depois do relatório da CrowdStrike, um blog do Wordpress escrito por alguém usando o apelido "Guccifer 2.0" surgiu na internet. O autor alegava ter acessado os servidores do DNC sozinho, um "hacker solitário". Os especialistas em segurança cibernética imediatamente desconfiaram, porque esse nome parecia uma homenagem a "Guccifer", um prolífico hacker romeno que reiteradamente lia e publicava e-mails de Colin Powell e de outros expoentes. Tendo em vista que o verdadeiro Guccifer estava trancafiado em uma prisão nos EUA e cooperando com o FBI, quem seria esse cara? Jornalistas e especialistas em cibersegurança rapidamente imaginaram que o autor do blog provavelmente era russo, em razão da pouca compreensão do idioma romeno e da utilização de um teclado russo. Não importava, Guccifer 2.0 começou a publicar os dados roubados nos ataques

cibernéticos do COZY BEAR/FANCY BEAR. Primeiro, ele divulgou relatórios financeiros do DNC, um "dossiê sobre Hillary Clinton" e outros materiais que só poderiam ter vindo dos computadores do DNC. No entanto, o personagem Guccifer foi recebido com ceticismo e escárnio. Fora do mundo da segurança cibernética, sua história perdia força. Mas isso mudou imediatamente quando a organização WikiLeaks, de Julian Assange, anunciou que detinha os e-mails do DNC. O efeito foi avassalador. Toda a mídia global parou e prestou atenção.

Em 22 de julho de 2016, o WikiLeaks inundou a mídia global com 19.252 e-mails de altos funcionários do DNC, incluindo o diretor de comunicações e a cúpula da equipe financeira. O material parecia conter principalmente discussões com o propósito de dividir o Partido Democrata, revelando as opiniões da presidente Debbie Wasserman Schultz sobre Bernie Sanders e Hillary Clinton. Schultz era amiga pessoal de Hillary, e seu apoio à candidata não chegou a surpreender, mas a divulgação dos e-mails foi programada para ocorrer um pouco antes da Convenção Nacional Democrata, na Filadélfia. A intenção do vazamento era clara — afastar a facção de Bernie Sanders dos demais democratas e prejudicar Hillary Clinton entre os eleitores independentes e progressistas. Funcionou como mágica. Na manhã do primeiro dia da convenção, os partidários de Bernie Sanders debandaram, organizaram ruidosos protestos e até gritaram publicamente o apelido que Donald Trump dera para a candidata indicada pelo partido: "Crooked Hillary" [Hillary Impostora].

Na sexta-feira antes da convenção do Partido Democrata na Filadélfia, eu estava na cidade para fornecer análises e comentários relacionados a possíveis ameaças terroristas e de segurança à convenção. Como analista de contraterrorismo da MSNBC, eu circulava livremente pelo estúdio improvisado. O estúdio temporário tinha uma vista elevada e deslumbrante para o Independence Hall. Senti o orgulho de Jefferson, Franklin e dos outros tantos que reiteradamente escreveram história naquele local. Pairava no ar uma sensação de júbilo e inevitabilidade, indicando que os Estados Unidos rejeitariam categoricamente o ódio, o fanatismo e a crueldade demonstrados na semana anterior durante a convenção republicana.

A Convenção Republicana em Cleveland, e seu processo para nomear o autoproclamado bilionário Donald J. Trump como candidato a presidente, foi um visceral

desfile de ressentimento, rejeição e apelos quase abertos ao racismo. Tornou-se evidente para todos que o assistiam, até mesmo para um republicano de longa data como eu, que o partido estava disposto a lutar da forma mais suja possível e a chafurdar na lama o máximo que pudesse — e talvez até a ir um passo além. A convenção foi descrita com precisão como um festival de ódio generalizado.

Enquanto a Convenção Republicana se desenrolava, inúmeras peripécias para se livrar de Trump foram tentadas e rejeitadas pelo *establishment* do partido. No final, os republicanos indicaram a pessoa indiscutivelmente mais desagregadora como candidato a presidente desde Abraham Lincoln — e sabemos muito bem o final dessa história.

Consequentemente, o Partido Democrata estava determinado a transmitir um ar de cooperação, força através da diversidade, compaixão e amor. O *slogan* da primeira-dama Michelle Obama: "*When they go low, we go high*" ["Quando eles jogam sujo, nós mantemos a dignidade", em tradução livre] encontraria eco dentre os partidários de Hillary Clinton. A ideia era reunir os eleitores de Bernie Sanders aos de Hillary na defesa de um interesse comum, repetindo o gesto de Hillary na indicação de Barack Obama em 2008. Todos esperavam ansiosamente por uma festa animada.

No estúdio nos arredores do Independence Hall, fiquei atento para o caso de um grupo ou indivíduo terrorista tentar invadir a festa de Hillary com armas, bombas ou coisa pior. Não havia indícios de ameaça terrorista, mas durante quase quatro meses eu estava ciente de um tipo diferente de ameaça. Como parte da minha série de estudos sobre contraterrorismo, eu estava trabalhando no manuscrito de um novo livro intitulado *Hacking ISIS*. O livro foi escrito em coautoria com meu pesquisador-chefe Chris Sampson. Nós trabalhávamos no manuscrito havia mais de um ano para fornecer uma análise profunda sobre o sucesso do grupo terrorista em se apoderar das redes sociais. Ao pesquisar as táticas do Estado Islâmico (mais conhecido pelo acrônimo em inglês ISIS — *Islamic State of Iraq and Syria*), nos deparamos com duas ações que pareciam incompatíveis com a capacidade dos terroristas: a invasão da TV5 em Paris, uma grande rede de televisão que transmite internacionalmente para todo o mundo francófono, e a da Bolsa de Valores de Varsóvia. Na superfície, ambas as ações pareciam ter sido realizadas por hackers do grupo terrorista Estado Islâmico, mas a análise forense confirmou que a ação era obra do FANCY BEAR. Assisti com interesse quando a notícia sobre os "achados" do WikiLeaks foi divulgada. Uma rápida

olhada nos dados me revelou que eles detinham as informações roubadas do DNC pelo COZY e pelo FANCY BEAR. O WikiLeaks nitidamente atuava como lavanderia russa para o material roubado.

Imediatamente, ficou claro para mim e para meus colegas da Inteligência dos EUA que uma gigantesca operação de guerra cibernética estava em andamento. Fui o primeiro a declarar publicamente em rede nacional de televisão que os Estados Unidos haviam sido vítimas de um amplo ataque de guerra cibernética e política. Meu aviso incansável era, na realidade, uma avaliação de inteligência. Meu sinal de alerta se baseava em minha experiência como agente operacional de coleções criptológicas na Inteligência Naval. Herdei o legado dos decifradores de códigos e analistas que foram capazes de perceber as trilhas de indícios que levaram a numerosas vitórias, como na Batalha de Midway e na Operação Tempestade no Deserto, e a fracassos como os de Pearl Harbor e do 11 de Setembro. Embora minha experiência profissional fosse dedicada a países do Oriente Médio que financiavam o terrorismo e guerras como as da Líbia, da Síria e do Afeganistão, eu era um fruto do mundo de espionagem da Guerra Fria. Quando fui introduzido ao mundo dos códigos e palavras ultrassecretas, os primeiros relatórios que li não eram sobre espiões líbios, assassinos de Saddam ou agentes iranianos do Vevak — mas sim uma sólida doutrinação de contrainteligência sobre as atividades e operações da antiga agência de inteligência russa, a *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* (a KGB). A KGB era uma ameaça mundial durante a Guerra Fria e mobilizava todos os agentes e analistas de inteligência no Ocidente. Sua capacidade de identificar, seduzir e transformar profissionais de inteligência em espiões capazes de trair sua própria pátria era lendária. O lema da contrainteligência era: "Cuidado com os Ursos. Os Ursos Estão em Toda Parte!" Suas forças militares eram nossos principais alvos, mas seus espiões eram muito menos visíveis e insidiosos. O lema era verdadeiro. Durante a maior parte da minha carreira, a KGB (e seus sucessores, o FSB e o SVR) estava literalmente em todos os lugares a que nossas missões nos levavam. Um *souk* em Marraquexe, um café na Casbá de Argel, um banheiro masculino em Nápoles ou um bar em Port Said: lá estava ela. A KGB sabia onde os norte-americanos estavam e tinha ativos ou agentes à espreita para vigiar, agir e recrutar. Os oficiais e propagandistas da KGB criticavam rotineiramente as atividades militares norte-americanas, financiavam terroristas do IRA (por meio de um dos meus alvos, a Líbia) e administravam campos de treinamento de insurgentes palestinos nos desertos da Síria e nos campos de refugiados ao sul

do Líbano. Eles apoiavam ditadores e déspotas em todo o hemisfério oriental. Anualmente, éramos informados sobre as operações de inteligência russa associadas aos nossos alvos no mundo todo, do Iraque à Espanha.

Quando juntei dois mais dois em relação à invasão no DNC, ao blog Guccifer 2.0 e ao vazamento de dados do WikiLeaks, a imagem que se formou foi a de uma operação de guerra de informação russa ao estilo da antiga KGB, em grande escala. E ela só poderia ter um objetivo — eleger Donald Trump como presidente. Era corajoso. Era ousado e só poderia ter sido comandado por Vladimir Putin. Alertei e repeti minhas conclusões incansavelmente durante toda a campanha. No entanto, havia muito ceticismo. Eu não estava sozinho em minha análise das migalhas de pão. Mas a mídia de notícias se interessava mais pelos e-mails do que pela sua fonte. Quanto mais dados roubados eram divulgados, mais vorazmente a mídia cobria a história. As notícias na televisão e na internet, dominadas pelos relatos de "e-mails", pouco fizeram em termos de análise crítica. Os e-mails em si não revelavam nada. Mas eram o assunto do momento. Após um hiato de um mês (tempo necessário para enviar os dados ao WikiLeaks), Guccifer 2.0 voltou à cena para trabalhar em conjunto com o WikiLeaks. Eles divulgaram documentos recém-roubados que revelavam que outra instituição do Partido Democrata havia sido hackeada. Dessa vez, fora o Comitê Congressional de Campanha Democrata (DCCC). Além disso, um padrão perturbador estava emergindo: quando Donald Trump fazia discursos reclamando sobre um determinado assunto, em poucos dias os e-mails do DNC e do DCCC sobre esse assunto chegavam à mídia de notícias, divulgados tanto por Guccifer 2.0 quanto pelo WikiLeaks. Por exemplo, os e-mails sobre as primárias da Pensilvânia e da Flórida foram divulgados logo depois que Trump os mencionou. Quando ele menosprezou Nancy Pelosi, um grande lote de documentos sobre ela foi liberado. A inundação continuou, e bases de dados inteiras do DNC para New Hampshire, Ohio, Illinois e Carolina do Norte chegaram ao público — todos estados democratas afirmando que Trump acabaria vencendo. Passei dias na televisão alertando sobre a guerra cibernética destinada a destruir o Partido Democrata e a influenciar a eleição a favor de Donald Trump. Exceto pela MSNBC, a mídia de notícias ignorou solenemente a história de espionagem que se desdobrava diante de seus olhos e aguardou ansiosamente a liberação de novos documentos roubados.

Em 21 de agosto, Roger Stone, um ardiloso impostor republicano nixoniano, insinuou que possuía informações privilegiadas sobre publicações do WikiLeaks

relacionadas a John Podesta, chefe de campanha da equipe de Hillary. Ele tuitou: "a hora de Podesta chegará".[1] Uma declaração como essa na época foi desconcertante, mas parecia mais um clássico prenúncio de Stone de que outro truque sujo político estava a caminho. Algumas semanas depois, esse se tornaria um dos primeiros de muitos sinais indicando um possível complô entre os partidários de Trump e a Rússia por intermédio de sua lavanderia, o WikiLeaks.

Como um relógio, em meados de setembro de 2016, um novo site chamado "DC Leaks", suspeito de ser outro *front* russo, publicou e-mails de John Podesta. Alguns incluíam mensagens para Hillary Clinton, mas não expunham nada mais sinistro do que uma receita de risoto. E isso foi o de menos. Setembro e outubro trouxeram uma infindável enxurrada de vazamentos. O DC Leaks divulgou a agenda dos principais funcionários de Hillary e uma cópia do passaporte de Michelle Obama.[2] Cada um dos vazamentos parecia sincronizado com a má notícia que a equipe Trump estava alardeando no momento.

O impacto da enxurrada de e-mails roubados manteve a mídia dos EUA sobrecarregada com a cobertura diária da crise do Partido Democrata. Mesmo que fossem extremamente favoráveis e que nenhum deles viesse do servidor de e-mail de Hillary Clinton, a mídia devorava tudo.

Caçadores de Espiões do Mundo, Uni-vos!

Logo após a divulgação dos dados por Guccifer 2.0, uma pergunta séria ecoou em alto e bom som em meio aos especialistas mundiais mais esclarecidos: "A equipe de Trump estava trabalhando com a Rússia?" O fato de que a equipe de Trump insistia em remover um item central da plataforma com relação ao armamento da Ucrânia despertou indignação. Esse era um desejo há muito acalentado pela Rússia e que nunca havia sido sequer cogitado. Será que agora…

Em ação coordenada ou não, tanto a Rússia quanto os republicanos atuaram com maestria no escândalo dos e-mails. Inicialmente concebida como uma manobra para pressionar Hillary sob a alegação de interesse de segurança nacional durante as audiências de Benghazi, os republicanos trabalhariam em sincronia com a mídia conservadora na questão dos e-mails. Sites como o InfoWars e o Breitbart News afirmaram que todas as divulgações de e-mails evidenciavam

uma intenção criminosa. Eles encararam cada e-mail como prova de que toda a sistemática de Hillary era indiscutivelmente corrupta.

Em 4 de outubro de 2016, quando Donald Trump acusou a *The Clinton Foundation* de corrupção, Guccifer 2.0 alegou ter hackeado os servidores da fundação. Os documentos eram, na verdade, do lote do DCCC, mas os republicanos e a mídia trataram isso como fato incontestável. Trump alardeou a notícia mesmo depois que foi revelado que sua própria fundação havia sido usada para canalizar dinheiro para os cofres de sua família.

Se Trump não fazia parte de uma conspiração com a Rússia, sua boca não lhe favoreceu. Já em 27 de julho de 2016, apenas 48 horas após a abertura da convenção do Partido Democrata, Trump apelou a Moscou para hackear e divulgar ainda mais e-mails. Trump declarou: "A propósito, se eles hackearam, provavelmente têm os 33 mil e-mails dela. Eu espero que sim. Eles provavelmente têm os 33 mil e-mails que ela perdeu e deletou… Rússia, se estiver ouvindo, espero que consiga encontrar os 30 mil e-mails que estão faltando."

Para as agências e profissionais de inteligência e contrainteligência dos EUA, essa declaração seria um ponto-chave para coletar as informações que levariam à mais grave investigação de segurança nacional da história norte-americana. A pergunta que pairava no ar passou a ser: havia norte-americanos trabalhando em conjunto com uma agência de inteligência estrangeira para eleger um presidente? Sem o conhecimento de Donald Trump e do público norte-americano, a caçada dos espiões à conspiração com a Rússia já estava em andamento.

Trump já era suspeito de ser um ativo russo muito antes de seu discurso "Rússia, se estiver ouvindo". John Brennan, o obstinado diretor da CIA de fala mansa que trabalhava para o serviço clandestino havia mais de 25 anos, certamente tinha suas suspeitas. Ele ocupou o cargo de chefe da estação da CIA na Arábia Saudita e se especializou em contraterrorismo. No entanto, ele era um espião da velha escola. Fora muito bem treinado em operações da inteligência russa. Como diretor da CIA durante as eleições de 2016, qualquer informação relacionada às peripécias russas durante o pleito seria de sua competência. No início de 2016, ele foi informado sobre o ataque cibernético ao DNC e os esforços russos para cooptar membros da campanha de Trump. Brennan encarregou a equipe da agência designada para tratar questões envolvendo a Rússia que trabalhasse em conjunto com a Agência de Segurança Nacional (NSA, acrônimo em inglês

para *National Security Agency*) para analisar todas as informações disponíveis e informar o presidente Obama. Ele enviou analistas para agências de inteligência do mundo todo em busca de informações. Logo, três agências de inteligência estrangeiras aliadas trariam a ele e ao diretor de Inteligência Nacional, James Clapper, dados de inteligência inequívocos de que a Rússia investia pesado para vencer a eleição para Donald Trump.

A inteligência dos EUA e os caçadores de espiões da contrainteligência do FBI agora entendiam que estavam lidando com algo completamente diferente dos agentes de ciberespionagem envolvidos na invasão ao DNC. Nós, agentes da inteligência, desconfiamos de coincidências. No mundo dos espiões, coincidências simplesmente não existem. Eu cunhei a expressão Lei de Nance para lembrar aos novos agentes que, nas sombras da espionagem, "toda coincidência exige muito planejamento". Em meados do verão, a comunidade de inteligência foi inundada com mais uma série de coincidências que geraram "Alertas Vermelhos". Alerta Vermelho era um termo de contrainteligência da época da Guerra Fria para designar a suspeita ou a detecção de medidas ativas da inteligência russa. Um conjunto de alertas vermelhos se destacava: o FBI e outras agências descobriram que membros da campanha de Trump estavam se reunindo com os russos em praticamente todos os lugares. E, para piorar, eles negavam que as reuniões estivessem acontecendo. Até o dia da eleição, pelo menos 12 altos funcionários administrativos ou de campanha realizaram 19 reuniões pessoais e/ou se comunicaram pelo menos 51 vezes com russos associados ao Kremlin. A maioria deles negava a existência desses contatos até serem confrontados; depois, passavam a alegar coincidência. Obviamente, eles estavam escondendo alguma coisa. Mas o quê?

Caos Tempestuoso

O Departamento de Segurança Nacional (NSB, acrônimo em inglês para *National Security Branch*) do FBI é formado por um grupo de agentes de contraespionagem altamente especializados em caçar espiões e terroristas inimigos nos Estados Unidos. Por quase 80 anos, o NSB e seus antecessores rastrearam as ameaças de espionagem que chegavam à costa norte-americana. De agentes comunistas soviéticos enviados por Stalin a sabotadores nazistas destacados por Hitler e células

adormecidas da Al-Qaeda e do ISIS, o NSB tem uma tarefa: observar, rastrear, detectar e capturar agentes inimigos.

No início da primavera de 2016, dados de inteligência fluíam entre a CIA e a NSA, dando conta de que algo mais se desenrolava junto com a invasão do DNC. Logo vieram relatos de que alguns norte-americanos mantinham contato com ativos e agentes russos conhecidos. A mídia britânica noticiou a troca de inteligência de sinais (conhecida pelo acrônimo SIGINT) entre o órgão britânico *General Communications Headquarters* (GCHQ)[3] e a agência norte-americana NSA. As agências irmãs da OTAN na Europa também alertavam que possuíam inteligência sólida indicando que alguns norte-americanos mantinham comunicação com conhecidos agentes de inteligência russos. O diretor do GCHQ transmitiu pessoalmente essas informações ao diretor de Inteligência Nacional, James Clapper; ao diretor da CIA, John Brennan, e ao diretor da NSA, o almirante Michael Rogers.

Em março de 2016, o jovem defensor de Trump, George Papadopoulos, chamou a atenção do FBI e da CIA. Papadopoulos era conselheiro sênior de política externa de Donald Trump e esteve presente em uma reunião com Trump e Jeff Sessions em meados de março de 2016. De acordo com o *The New York Times,* Papadopoulos revelou inadvertidamente seu papel em um complô quando se gabou de suas conexões com a Rússia, durante uma reunião informal em Londres com o diplomata australiano Alexander Downer. Papadopoulos disse a Downer que a Rússia tinha milhares de e-mails de Hillary Clinton e insinuou que eles beneficiariam a campanha. Papadopoulos entrou em contato com um cidadão maltês, Joseph Mifsud. Mifsud conhecera Papadopoulos no início de março, mas, na ocasião, não lhe deu atenção. Assim que Mifsud descobriu que Papadopoulos era um dos conselheiros da campanha de Trump, seu interesse aumentou. Eles elaboraram um esquema para marcar um encontro entre Trump e Putin. Mifsud coordenou uma reunião com uma jovem que ele chamou de "sobrinha", Olga Polonskaya. Ela estava acompanhada de Ivan Timofeev, chefe de um fórum acadêmico russo ligado ao Ministério das Relações Exteriores do Kremlin. O australiano ficou alarmado que um norte-americano pudesse cair em uma armadilha de espionagem tão óbvia. Downer relataria o caso aos seus superiores, que então passariam para agentes australianos e para a inteligência dos EUA. O FBI começou a investigar Papadopoulos como um potencial ativo russo. Um tempo depois, Papadopoulos seria questionado sobre esses contatos

e, como praticamente todos os outros membros da equipe de Trump, mentiria.[4] Só depois de ser preso pelo FBI, ele confessou o plano.

Quase ao mesmo tempo, outro assessor de política externa de Trump, Carter Page, afirmava ser um especialista mundial na indústria de energia da Rússia, embora ninguém jamais tivesse ouvido falar dele. Page dizia ter trabalhado por sete anos para a instituição financeira Merrill Lynch em Londres e Moscou. Também afirmava ter sido designado para atuar no Lynch em Nova York como "diretor de operações do *Energy and Power Group* do Merrill Lynch". O que se sabe é que Page trabalhou por três anos em Moscou coordenando a fusão entre a Gazprom e a RAO UES. Essas relações foram fundamentais para convencer Trump de suas credenciais. Trump o incluiu na equipe de campanha como especialista na Rússia. Trump chegou a mencionar seu nome quando perguntado sobre os membros de sua equipe de política externa. Em setembro de 2016, seu nome ganharia relevância ao ser citado em um dossiê secreto desenvolvido pelo ex-agente do Serviço Secreto Britânico (MI-6), Christopher Steele. Steele elaborou um documento de 35 páginas com rumores e observações sobre Donald Trump e sua campanha, com base em informações coletadas por seus ex-contatos de espionagem. Ele transformou essas pistas em um dossiê para a Fusion GPS, um grupo de pesquisa política contratado inicialmente por doadores conservadores trabalhando para Ted Cruz, e depois por doadores democratas. No dossiê de Steele, o nome de Page surgiu relacionado a um contrato de petróleo entre a Exxon e a colossal petroleira russa Rosneft. Quando isso se tornou público, Page rapidamente deixou a campanha.

Após as investigações, os caçadores de espiões do FBI determinaram que esses dois funcionários de nível inferior eram os menores contatos. Uma investigação conduzida pelo *The New York Times* sobre Paul Manafort, chefe de campanha de Trump, expôs seus laços com o Kremlin indicando seus negócios ilícitos na Ucrânia. O ex-diretor da Agência de Inteligência da Defesa, Michael Flynn, ganhou dezenas de milhares de dólares falando ao *Russia Today*. Ele chegou a se sentar ao lado de Putin e do chefe do Partido Verde norte-americano, Jill Stein, no jantar de comemoração ao 10º aniversário do jornal.[5] Outros norte-americanos de escalão mais alto se reuniram secretamente com os russos e foram pegos mentindo sobre esses encontros, incluindo o procurador-geral Jeff Sessions e o genro do presidente, Jared Kushner. Descobriu-se que todos mantiveram contato com Moscou. A inteligência dos EUA e o FBI agora assumiam o caso.

Enquanto a mídia refletia sobre as coincidências, a comunidade de inteligência mundial trabalhava incansavelmente para capturar os autores das invasões. Uma dessas agências era o Serviço Geral de Inteligência e Segurança da Holanda (*Algemene Inlichtingen en Veiligheidsdienst* ou AVID). O AVID era um aliado da inteligência europeia que mantinha uma divisão de guerra cibernética altamente respeitada. Nasceu de um programa pequeno e confidencial que desenvolveu uma capacidade altamente especializada em guerra cibernética para combater operações de inteligência russas. O AVID integrava um acordo internacional de compartilhamento de inteligência entre os países da OTAN que alocava metas estabelecidas pelas duas principais potências em inteligência de sinais, a NSA e a GCHQ. Cada nação tinha seus pontos fortes e fracos. Quando uma exploração altamente refinada era necessária, todas as nações da OTAN contribuíam. Em operações cibernéticas, o AVID era excepcional e recebeu uma das missões mais complicadas do mundo — hackear os escritórios da própria inteligência russa. A história de como os holandeses conseguiram invadir o FSB foi noticiada em primeira mão pelo jornal local *de Volkskrant*. Durante vários anos, o AVID se concentrou nas operações russas de guerra cibernética relacionadas ao FSB.[6] Em resposta às ações dos hackers russos contra a OTAN, o Pentágono, a Casa Branca e a França, os holandeses desenvolveram ferramentas e técnicas de exploração altamente especializadas que permitiam rastrear geograficamente os sistemas de inteligência dos militares russos. Os holandeses criaram uma "Unidade Cibernética Mista de Sinais de Inteligência (JSCU)", formada por funcionários federais civis e militares encarregados de atacar redes hostis. Sua especialidade era o COZY BEAR. Usando metodologias secretas, eles conseguiram identificar a localização dos servidores em um prédio em Moscou. Em um golpe de mestre, eles contra-hackearam as câmeras de segurança em um andar específico do prédio e observaram os espiões russos usando o sistema.[7]

O diretor da CIA, John Brennan, transmitiu os dados de inteligência da AVID e de outras agências sobre a campanha russa para James Clapper. A imagem retratada pela inteligência era perturbadora. Revelava que a Rússia conduzia uma operação gigantesca de medidas ativas contra a eleição dos Estados Unidos. Conforme as informações começaram a chegar às principais agências de inteligência, John Brennan se tornou responsável por processar as informações que seriam reportadas ao presidente Obama. O diretor de Inteligência Nacional, James Clapper, era o coordenador geral e gerente de políticas das 17 agências de inteligência dos

EUA que estavam coletando as informações. Brennan e Clapper concordavam que o ataque russo exigia uma enérgica resposta norte-americana. Em 4 de agosto de 2016, sob a direção de Obama, Brennan telefonou pessoalmente para o diretor da agência de inteligência russa, o chefe do FSB, Aleksandr Bortnikov. De acordo com seu depoimento perante o Comitê de Inteligência da Câmara, Brennan advertiu Bortnikov de que os Estados Unidos estavam cientes de suas operações e que isso prejudicaria as relações entre os dois países. Aparentemente, Putin conhecia muito bem os norte-americanos. Em setembro, as divulgações de e-mails coordenadas pelos russos e pelo WikiLeaks se intensificaram. Como o ex-diretor diria mais tarde ao Comitê de Inteligência da Câmara: "Deve ficar claro para todos que a Rússia interferiu descaradamente em nosso processo de eleição presidencial de 2016 e que eles realizaram essas atividades apesar de nossos fortes protestos e avisos explícitos de que não deveriam fazê-lo…"[8]

Brennan então foi destacado por Clapper e pelo presidente Obama para notificar os principais membros do Congresso — a "Gangue dos Oito" — sobre o que estava acontecendo.[9] Quando apresentou os indícios de que uma operação russa de medidas ativas estava ocorrendo em larga escala, Brennan foi designado pela Casa Branca para, em coordenação com a comunidade de inteligência, determinar a extensão e o impacto da influência da Rússia. Brennan cumpriu sua tarefa, apresentou uma série de relatórios e promoveu um intenso contato telefônico na tentativa de convencer os principais líderes do país de que os Estados Unidos haviam sido atacados.

De acordo com o *The New York Times*, apenas o líder da maioria no Senado, Mitch McConnell, se opôs. Ele trabalhou ativamente para manter o nome da Rússia fora de uma carta conjunta denunciando a invasão. McConnell, como Trump, se recusava a acreditar em grande parte dos dados sobre a participação da inteligência na invasão cibernética.

No final de julho, as suspeitas se alastraram entre os ex-profissionais de inteligência que trabalhavam na mídia e na campanha de Hillary Clinton. Embora muitos de nós não tivessem acesso a todas as informações em poder da CIA e da NSA, era nítido que os indícios noticiados pela mídia e os rumores entre ex-colegas dando conta de atividades suspeitas haviam disparado os alarmes.

Michael Morell era um ex-diretor-adjunto da CIA. Ele também atuou como diretor da agência durante três anos até John Brennan assumir o cargo. Morrell